

O USO SOCIAL DOS AFETOS: UM OLHAR SOBRE O JORNALISMO SENSÍVEL NA ERA DA DESINFORMAÇÃO

Luiza Gould¹
Victor Rocha²

RESUMO

A desinformação avança a passos alarmantes na medida em que o jornalismo perde a credibilidade de outrora. Considerando a importância social da prática, é fundamental analisar erros e acertos na busca por uma renovação. Este artigo parte da hipótese de que explorar a subjetividade é crucial para a reconexão entre quem produz, quem consome e quem é informação jornalística. Tendo como base o conceito de Jornalismo Sensível (ROCHA, 2020), investiga-se uma reportagem sobre presidiárias transgênero veiculada no programa televisivo *Fantástico*, da Rede Globo. O intuito é perceber se neste objeto, cuja narrativa é conduzida pela figura híbrida do médico-comunicador, há traços de uma comunicação afetiva e efetiva, que permita uma leitura mais plural de histórias reais enquanto envolve o espectador do outro lado da tela. Para isso, faz-se uso da Análise do Discurso, a partir das contribuições de Michel Foucault (2008). É constatado um efeito útil da sensibilidade no exemplo, embora um estudo mais amplo seja necessário para o entendimento dos impactos causados pelo Jornalismo Sensível em seus receptores.

PALAVRAS-CHAVE

Credibilidade. Desinformação. *Fake news*. Jornalismo Sensível. Drauzio Varella.

1 INTRODUÇÃO

O termo *post-truth* (pós-verdade) já foi eleito como a “palavra do ano” pelo Dicionário Oxford (WORD..., 2016). Em coluna ao *El País*, a jornalista Eliane Brum (2019) chamou o mesmo fenômeno de “autoverdade”. Seja qual for a nomenclatura, a verdade relativa e mutável chama a atenção. Os fatos vividos e compartilhados no cotidiano já não possuem o mesmo apelo de antes, tampouco as instituições mantêm a sua autoridade de fala junto à opinião pública. As crenças pessoais conquistam súbita relevância.

Basta acreditar e logo, ao olhar para o horizonte, a Terra é tomada como plana. O terraplanismo ganhou força através das redes sociais, a ponto de, em 2019, o Brasil sediar a

¹ Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (RJ).E-mail: luizagould@gmail.com.

² Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (RJ).

primeira convenção do gênero, a Flat Com. No mesmo ano, uma pesquisa do Datafolha apontou que 7% dos brasileiros, 11 milhões de pessoas, julgavam que o planeta possui formato diferente daquele atestado cientificamente desde 200 a.C. (GARCIA, 2019). O saber científico e a experimentação estão em xeque, e não só nesse caso. São exemplos mais recentes a crença na cloroquina e na ivermectina como medicamentos que evitariam a COVID-19 – entidades como a Sociedade Brasileira de Infectologia e a Organização Mundial de Saúde alertam sobre os riscos dos tratamentos precoces sem evidência científica (LEMOS, 2020); a convicção plena da criação do coronavírus em laboratório – hipótese ainda em investigação – ; e as conjecturas sobre a suposta maquiagem de estatísticas para elevar o número oficial de mortes pela doença – o que ocorre é a subnotificação de óbitos, como constata estudo envolvendo pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (ORELLANA et al., 2021).

Nesse cenário, olhamos para o jornalismo, que atravessa uma crise estrutural³ anterior aos fenômenos de desinformação. É intuitivo crer que grupos de comunicação elevam a sua importância na medida em que boatos se propagam. Porém, ter relevância não é o mesmo que ter credibilidade. Nos parece que o jornalismo precisa de um envolvimento mais efetivo com os sentidos de novos públicos para se destacar diante das autoverdades, já que o conhecimento produzido e compartilhado por ele também é contestado.

A imprensa não apresenta o fato, e sim uma versão mediada do fato (MALHEIROS, 2004 apud MORETZSOHN, 2007, p. 120), entendimento a priori importante na busca por uma leitura mais consciente dos veículos de informação. Mas tal compreensão muitas vezes é extrapolada, a ponto de se negar a função do jornalismo. O contato desvelado com uma mídia parcial que nega tal condição abre brechas para a descrença. Eis a nossa problemática.

Ao entendermos a relevância social e democrática do fazer jornalístico, torna-se fundamental retomar a sua credibilidade e eficácia. As agências de checagem surgem como caminho possível, que aposta na precisão metodológica, revisão e reapuração. Compreende-se, todavia, que o jornalismo já tem (ou deveria ter) essa função, sendo talvez mais preponderante a busca pela reconexão entre a imprensa e o seu público. Isso pode passar pela noção de que a subjetividade é inerente à profissão, e deve ser explorada.

³ Souza (2018, p. 56-58) atrela a chamada “crise do jornalismo”, englobando circulação da informação, modelo econômico, prática profissional, ascensão de criadores de conteúdo e perda de credibilidade, a um “complexo mais amplo de contradições inseridas no seio do sistema de metabolismo do capital”.

Partindo de tal hipótese, investigamos neste artigo a reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*. Utilizamos como base a Análise do Discurso (FOUCAULT, 2008) e o conceito de Jornalismo Sensível (ROCHA, 2020) para verificar traços do que poderia provocar uma comunicação mais afetiva e efetiva nesta produção. O conteúdo foi veiculado em 1º de março de 2020 no *Fantástico*, revista eletrônica dominical da Rede Globo. A narrativa é construída pelo médico e escritor Drauzio Varella, responsável por entrevistar mulheres transexuais e travestis em três penitenciárias brasileiras.

2 A VERDADE NO JORNALISMO: FAKE NEWS, DESINFORMAÇÃO E CREDIBILIDADE

Há mais de três séculos verdade e jornalismo aparecem atrelados, como lemos em Michael Kunczick (2002). Ao resgatar a obra *No Schediasma Curiosum de Lectione Novellarum*, publicada em 1676 por Christian Weise, Kunczick (2002, p. 241) recorda que o autor alemão defende a ideia de separar o verdadeiro do falso na seleção das notícias. Já nessa época a instituição imprensa é posta como aquela capaz de discernir entre os dois polos, detendo o domínio para publicar o que é a verdade.

Nos estudos de Michel Foucault (1979) reunidos em *Microfísica do Poder*, enunciados verdadeiros também são contrapostos aos falsos. Não é possível conceber a verdade em Foucault (1979, p. 13) sem pensar nas relações de poder, pois ela produz e é produzida por seus efeitos. A verdade seria criada, controlada e divulgada por aparelhos políticos e econômicos, como universidades, exército e meios de comunicação. O filósofo pondera, no entanto, que o controle não é exclusivo, sendo a verdade objeto de confronto social. Discursos são chancelados para criar determinados efeitos de verdade e produzirem crença.

O público se habituou a acreditar no que lê, vê ou ouve nos jornais por entender que a imprensa carrega consigo a capacidade e o valor de transmitir a verdade. E isso acontece também porque nela há um saber específico. Entra em cena correlação crucial para Foucault, explicada por Roberto Machado (1979, p. XXII): aquela estabelecida entre o poder e o saber. O jornalismo cria um modelo e método de produção do conhecimento que apenas os profissionais da área dominam. Por possuírem esse saber e fazerem parte de uma estrutura, os jornalistas têm poder para constituírem discursos considerados verdadeiros, de maneira

que a credibilidade credenciada a si seja percebida pelo público. Dito isso, podemos entender que o poder está nas mãos de quem domina o discurso crível, a retórica efetiva.

Sílvia Lisboa e Marcia Benetti (2015, p. 16), a seu tempo, citam que a profissão é atrelada a processos, faculdades e métodos confiáveis, além de existir uma busca por verossimilhança com a realidade do receptor. Dessa forma, o jornalismo poderia ser compreendido enquanto crença verdadeira justificada. Esses métodos são os saberes de que trata Michel Foucault, aqui ancorados no privilégio dado à razão no jornalismo.

A filosofia cartesiana prega a existência do conhecimento verdadeiro, universal e objetivo e neutro (GROSFOGUEL, 2016), apartado dos sentidos, alcançável pela razão. A influência desse modelo no jornalismo é direta, observada a partir da formulação do paradigma das notícias como “informação”. Os periódicos adquirem relativa independência política quando passam a vender espaço para divulgação publicitária e se tornam uma indústria. A profissionalização do fazer jornalístico se dá simultaneamente à emergência do capitalismo e está atrelada ao enaltecimento da objetividade. Ao invés de expor a sua opinião, o jornalista tenta apagá-la, dizendo-se isento e imparcial, um mero transmissor, enquanto esconde do público que há uma racionalidade excludente⁴ por trás de suas escolhas. Embora repórteres e editores possam reconhecer a inviabilidade de apagar a si mesmos do processo de elaboração das notícias, por décadas muitos se esmeraram em não revelar que seus produtos são construções, assim como também o é a noção de verdade.

O mundo “desencantado” da modernidade, nas palavras de Max Weber (2004 [1905]), se reencanta na pós-modernidade, como afirma Michel Maffesoli (1998), retomando os afetos após um longo período de contenção racionalista. Alarga-se a brecha para que aquela noção de verdade universal seja repensada.

Descrente do jornalismo tradicional enquanto recebe incontáveis estímulos de informação pelas mais diversas mídias, o público está perdido entre discursos contraditórios.

⁴ A racionalidade excludente pode ser constatada quando analisamos determinados valores-notícia, levados em consideração pelos jornalistas na decisão do que publicar. Analisando jornais noruegueses, Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge produzem um estudo inaugural sobre o assunto em 1965 e constatam, por exemplo, que a combinação dos valores “referência à pessoa de elite” e “referência a algo negativo” faz com que quanto mais baixa a posição social de um indivíduo, mais negativas suas ações tenham que ser para ele se tornar noticiável. Assim, algumas pessoas entrariam mais facilmente nas páginas de notícias como criminosas (GALTUNG; RUGE, 1965, p. 83). O que é tomado enquanto critério objetivo institui dois cenários extremamente problemáticos na imprensa, como atesta Luiza Gould (2020, p. 199): o da ausência ou o do encarceramento dos personagens, circunscritos a um único tipo de relato sobre suas vidas.

Ele tende a acreditar naquilo que instintivamente lhe convém, ou no que está mais próximo disso. Os estudos de receptividade comportamental, inaugurados por Timothy Brock e Joe Balloun (1967), apontam que as pessoas são inclinadas a dar mais atenção às informações que confirmam as suas crenças. Mark Snyder e William Swann Jr. (1978) denominam de “viés de confirmação” a tendência do comportamento e da cognição dos indivíduos serem guiados de modo a confirmar impressões prévias. Já o “efeito de mídia hostil”, conceituado por Robert Vallone, Lee Ross e Mark Lepper (1985), indica que grupos com uma opinião já formada tendem a fazer leituras distintas da mesma informação midiática, quase sempre compreendendo que ela é contrária aos seus posicionamentos iniciais.

A crença em uma verdade relativa tem estrita relação com o atual olhar para o jornalismo, mas o rompimento da verossimilhança em relação à realidade do receptor ajuda a instituí-lo. O público soma frustrações ao não encontrar o seu cotidiano bem representado nos meios de comunicação. É coerente uma mãe que teve o filho morto a caminho da escola confiar mais em um veículo que o trata como estudante do que naquele que o apresenta como “menor”. Quando essa mãe escuta que a economia do país vai bem, mas falta comida em sua mesa, ela sente a contradição na pele. É também compreensível o menor crédito dado a um trabalho sobre o qual se desconhece os procedimentos que lhe deram origem. A credibilidade percebida é impactada por estratégias falhas da credibilidade afirmada.

Nesse ínterim, notícias compartilhadas através de relações intimistas (não necessariamente fruto de um método ou imbuídas de uma preocupação ética) ganham espaço diante do que falam desconhecidos engravatados nos jornais. A desinformação conquista, assim, força política, tendo auxiliado a pautar a eleição presidencial do Brasil⁵ (2018), por exemplo. Esse é um dos desafios a que nos referimos neste artigo: acredita-se em qualquer interpretação, mesmo na injustificada e sem embasamento.

Fenômeno recente e de notória importância para a compreensão do nosso tempo são as correntes de *fake news* (notícias falsas). O termo surgiu primeiro para designar uma onda de conteúdos falaciosos distribuídos por sites com procedência desconhecida. Pelo formato

⁵ A agência de checagem Lupa, em trabalho junto aos professores Pablo Ortellado (USP) e Fabrício Benevenuto (UFMG), mapeou as 50 imagens mais compartilhadas (em um universo de 100 mil) via *Whatsapp* com conteúdo político durante o primeiro turno das eleições de 2018. Apenas 8% das imagens transmitiam informações verdadeiras (MARÉS; BECKER, 2018). O dado é preocupante devido à quantidade de pessoas que usam o *WhatsApp*. Em levantamento feito nos dias 24 e 25 de outubro, uma semana antes do segundo turno, o Datafolha constatou que 46% dos eleitores procuravam se informar através do aplicativo (PASSOS, 2018).

visual que imitava as páginas das grandes corporações de informação, o consumidor intuía que aquele conteúdo deveria ser levado a sério. Falsos escândalos e chamadas sensacionalistas induziam a compartilhamentos no Facebook. Quando o problema se tornou mais evidente, houve um movimento para que esses sites fossem rechaçados. O que veio a seguir, porém, não foi o declínio da prática, mas uma adaptação utilizando novas mídias.

O termo *fake news* foi rápida e estrategicamente esvaziado, perdendo o seu sentido original, a ponto de, em 2017, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, acusar um jornalista de ser *fake news*⁶. A palavra começa a ser usada de forma política para designar aquilo que não condiz com o que o locutor acredita ou aprova. Podendo-se enquadrar tudo na definição, nada mais é enquadrado. Por isso, como indicam Mônica Chaves e Adriana Braga (2019), optamos pelo termo “desinformação” para tratar da confusão de conteúdos falsos que competem com o trabalho dos jornalistas.

A tarefa dos veículos não é simples quando tudo parece questionável, com embates entre opinião e ciência. Mas é possível vislumbrar estratégias para a imprensa recuperar de forma gradativa a sua credibilidade. Apontamos duas aqui: 1. o reforço de seu papel enquanto fonte confiável por munir-se de métodos, expondo claramente os rastros da produção noticiosa e do posicionamento subjetivo; 2. a adaptação de pautas, o fomento a discursos variados e o pressuposto ético na apresentação das histórias, uma tríade que implica em abordagens reafirmadas nas múltiplas experiências vividas pela população.

Perante uma realidade tão mutável e confusa, compreendemos que o jornalismo precisa trafegar por outros espaços para que reforce, inclusive, a sua função social. Se os afetos passam a ganhar força, a lógica das emoções precisa ser explorada de maneira mais transparente. O caminho para um reencontro da produção noticiosa com o público passa por compreender os estímulos que comovem os sujeitos do novo século.

⁶ O episódio envolveu Jim Acosta, jornalista da CNN. Em uma coletiva de imprensa naquele ano, Trump se negou a respondê-lo, chamou de “terrível” a organização para a qual ele trabalha, pediu para que ficasse calado, até, por fim, vociferar: “You are *fake news*” (Você é notícia falsa).

3 ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DO JORNALISMO SENSÍVEL

O Jornalismo Sensível, conceituado por Victor Rocha (2020), pode ser definido como uma forma de fazer jornalismo em que as subjetividades ganham destaque para seduzir esteticamente diferentes sujeitos; construir cenários imagéticos imersivos; causar estranhamentos; fomentar visões plurais da realidade; expor o método jornalístico; dar estilo autoral à narrativa; aproximar o público do repórter e dos personagens, gerando, para além de conteúdo consumível, informação que afeta o receptor em um estímulo à empatia.

Assumimos que o Jornalismo Sensível não pode ser tomado como um gênero, mas como uma forma estratégica de se fazer jornalismo, uma matriz. Vemos o assunto de forma mais ampla ao tratar o uso da estética no jornalismo em contraponto aos métodos que buscam negá-la, como se isso fosse necessário para a garantia de certa objetividade no texto. Assim, focamos no que realmente importa analisar aqui: os efeitos dessa sensibilidade no imaginário popular, que seria capaz de estimular o leitor e o próprio jornalista à consciência plural e reflexiva da realidade (ROCHA, 2020, p. 145).

A ideia dialoga com o “Jornalismo de Subjetividade” trabalhado por Fabiana Moraes (2015). Para a autora, a narrativa jornalística precisa incorporar o Outro, dentro das limitações desta prática profissional, ao invés de guiar sentimentos e ações (MORAES, 2015, p. 159). Ela se refere ainda ao não apagamento do jornalista em sua produção. Trata-se de conceber como ganho a “contaminação” da emoção em reportagens e notícias (MORAES; SILVA, 2019, p. 17). Já Cremilda Medina (2006) nos fala de um “Jornalismo dos Afetos”, pensando nas relações entre repórter, fonte e público enquanto troca.

Com base nessas referências, mas também em outras – as compreensões de sensibilidade e contemporaneidade por Sodré (2002) e Maffesoli (1998), por exemplo –, o Jornalismo Sensível aponta para um olhar e pensamento complexos⁷ acerca da realidade, do cotidiano e da própria prática profissional. O conceito abarca os afetos nos diferentes níveis de produção jornalística: da definição da pauta, quando as subjetividades de um grupo de jornalistas estão em diálogo, à marca pessoal do repórter no texto, admitidamente estético, e ainda ao olhar do editor na finalização do produto. Também integra esse processo comunicativo a tradução do material por parte do destinatário, prestando um significado

⁷ A noção de “pensamento complexo” é de Edgar Morin (2007). Por meio dela, o francês defende a quebra do “paradigma da simplificação”, consolidado por uma ciência fragmentadora e especializada que mutila o conhecimento completo. A partir do viés do pensamento complexo, o jornalismo que abre mão das potencialidades do sensível, por exemplo, poderia ser tomado como um jornalismo incompleto.

próprio ao que lê, vê ou ouve. Em cada etapa, o jornalista pode ampliar as suas possibilidades de afetação ao explorar o sensível, abrindo portas a seu público para um mundo muito mais complexo do que supõem as teorias racionalistas.

Uma das potências levantadas pelo Jornalismo Sensível é o exercício de empatia através da humanização dos atores da informação (jornalistas, personagens, fontes e público). Simon Baron-Cohen (2011, p. 16) explica que “empatia é nossa habilidade de identificar o que alguém além de nós está pensando ou sentindo e responder aos seus pensamentos e sentimentos com uma emoção apropriada”. Inspirado nos estudos dele, Roman Krznaric (2015, p. 10) estabelece como empatia “[...] a arte de se colocar no lugar do outro por meio da imaginação, compreendendo seus sentimentos e perspectivas e utilizando essa compreensão para guiar as suas próprias ações”. Dessa definição, é importante ressaltar o esforço criativo necessário para imaginar as vivências, perspectivas, motivações, lógicas e repertório pessoal do Outro. Muitas vezes, cabe apenas assumir a incapacidade de compreensão completa, o que já revela o esforço de deslocar-se de si. Empatia remete à escuta e à aceitação da existência de várias perspectivas, mesmo sem senti-las intimamente.

Segundo Krznaric (2015, p. 201), é possível observar uma guinada empática com a chamada “revolução da leitura”. Ele esclarece que a difusão da alfabetização e o contato com romances e jornais na Europa permitiram às crescentes classes médias compreenderem melhor como deveriam se sentir crianças órfãs, agricultores pobres ou escravos. Isso “[...] ajudou a forjar solidariedade humana através das diferenças sociais” (KRZARNIC, 2015, p. 201). No século XIX, passou-se a acreditar nas narrativas literárias como influências positivas sobre a moralidade individual e a vida cívica. Foi quando surgiram títulos como *Oliver Twist*, *Tempos Difíceis* e *Os Miseráveis* (KRAZARNIC, 2015, p. 175). Instiga-nos a refletir sobre esse potencial no Jornalismo Sensível.

Mônica Martinez (2017) considera que a narrativa jornalística é capaz de humanizar seus personagens ao fornecer perspectiva biográfica, complexidade psicológica e contexto social. Optando pelo movimento contrário ao uso de estatísticas e lugares comuns para apresentar pessoas, o jornalismo é capaz de gerar identificação e/ou estranhamento, torna seu recorte social mais palpável e pode estimular reflexões para além da própria informação. Todavia, apesar das potências e estímulos de um jornalismo que se propõe mais humano e

reflexivo, é preciso lembrar que não há garantias quanto às reações do público, conforme nos dimensiona Márcio Serelle (2020, p. 61):

Como vimos, a empatia nas narrativas (literária e jornalística) é tomada como valor quase inquestionável, uma vez que seria fonte moral e de solidariedade. No entanto, ainda que remeta a nossa natureza social, a empatia possui limitações (...) No jornalismo, é possível indagar até que ponto a imersão na singularidade de uma vida e a experimentação de suas vicissitudes podem proporcionar a passagem de sentimentos emotivos para uma consciência mais crítica de contexto, que resulte em intervenções solidárias no cotidiano.

4 ANÁLISE: REPORTAGEM DO FANTÁSTICO SOBRE PRESIDÁRIAS TRANSEXUAIS

Utilizamos como objeto de estudo a reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*, transmitida pelo programa *Fantástico*, da Rede Globo, em março de 2020. A narrativa se desenvolve a partir do encontro entre o médico Drauzio Varella e um grupo de mulheres trans que cumpre pena no Centro de Detenção Provisória de Pinheiros, em São Paulo. O médico conta vivências de seus 30 anos como voluntário em penitenciárias para as detentas, trazendo questões que envolvem e afetam diretamente esse público. O monólogo (ninguém dialoga com o médico, o grupo apenas o escuta) é interrompido por entrevistas de Drauzio Varella com quatro personagens.

Cabe explicar algumas de nossas escolhas metodológicas, a começar pelo objeto. Nos mais de 4.800 *retweets* da reportagem, é possível encontrar palavras como “emocionante”, “chorei”, “sensibilidade” e “empatia”. Mais de um internauta afirma que se trata da “melhor reportagem do domingo”. E um deles escreve: “Obrigado, é uma das melhores coisas que já assisti na TV”. À primeira vista, tais reações (embora não unânimes⁸, recorrentes entre os *retweets*), dão indícios de um engajamento que aponta para a nossa hipótese: a reconexão entre quem produz, quem consome e quem é informação jornalística a partir da subjetividade. A breve incursão nas respostas do público ao material não é aprofundada neste artigo, mas sinaliza um caminho de investigação.

⁸ Diferentemente de comentários elogiando a reportagem, também lemos *retweets* como este: “700 bandidos trans que são delinquentes e por isso estão presos, não devemos ter penas (sic) de quem maltrata as pessoas de bem... Odeio essa (sic) vitimizações de bandidos, AS VÍTIMAS SOMOS NÓS”.

Disponível em: <<https://twitter.com/showdaivida/status/1234311777732698112>> Acesso em: 21 mar. 2021.

O espectador da reportagem é convidado a conhecer histórias de vida. As personagens apresentadas falam de um determinado lugar, ocupam uma posição discursiva, ou melhor, mais de uma, se considerarmos como Michel Foucault (2008, p. 61) a existência de uma dispersão: diferentes enunciados podem ser construídos a partir de diferentes posições ocupadas pelo indivíduo, fragmentado em múltiplos sujeitos. Essas posições são relevantes na busca pelo entendimento de *como* se constrói o que é dito, algo crucial para o exame de um possível apelo ao sensível. Estamos no âmbito da Análise do Discurso, que será aqui aplicada. Procuramos por “marcas que regem a construção do texto e guiam a interpretação”, na síntese de Márcia Benetti Machado e Nilda Jacks (2001, p. 1) sobre pensar o jornalismo a partir do enfoque metodológico da AD. Voltando-nos para o Jornalismo Sensível, o foco são as etapas em que a marca pessoal do repórter e o olhar do editor inscrevem-se no texto. Intentamos encontrar formações discursivas (outra contribuição de Foucault), por meio das quais cada sujeito fala, investigando como o médico-comunicador que guia a narrativa se insere neste discurso. A formação discursiva é definida como o que *pode e deve ser dito* a partir de uma posição ocupada e de uma dada conjuntura.

Na Penitenciária José Parada Neto, em Guarulhos, Lolla Ferreira Lima pode e diz que é mulher: “O corpo assim em si parece de homem, né? Mas o meu espírito, a minha alma, eu acho que é de mulher, né? *Eu me sinto mulher*” (apud VARELLA, 2020). Na Penitenciária de Tacaimbó, em Pernambuco, uma trans cujo nome não é revelado fala do mesmo lugar de Lolla: “Você pode colocar um paletó em mim, me vestir bem menininho, *eu vou me sentir mulher do mesmo jeito*” (apud VARELLA, 2020). Ao reafirmarem quem são, as personagens se inscrevem em uma formação discursiva (FD) dominante na reportagem, que chamaremos de *Liberdade*. Também no depoimento de Thais Pereira Lima (apud VARELLA, 2020) podemos mapear esta FD:

Thais: Quando eu cheguei aqui, no presídio de Iguaraçu, totalmente mudou a minha vida. E por qual motivo? A oportunidade de muitas coisas que até mesmo lá fora eu não tive.

Drauzio: Por exemplo...

Thais: Trabalho.

Drauzio: Você acha que encontrou *mais respeito dentro dessa cadeia* do que na rua?

Thais: *É raro hoje em dia você ver uma trans trabalhando* dentro de um fórum, dentro de um shopping...

O conteúdo será construído a partir da ideia de que, presas, as trans são livres. Fora das penitenciárias, elas estão encarceradas: são vítimas do preconceito, que as impede de

conseguir emprego e está presente até mesmo no âmbito familiar (Lolla diz que o pai até hoje leva roupas masculinas para ela e afirma que só adotará o nome social e fará cirurgia quando os pais morrerem. Thais conta que fugiu de casa aos 15 anos por não ser aceita). Imageticamente esse sentido está presente, por exemplo, nos *takes* de Lolla lavando uma calcinha e tendo aula de maquiagem no presídio, em contraposição às cenas dela em casa, fazendo obra, vestida como homem, enquanto desabafa: “Agora eu sei que eu tô no meio da sociedade, lá (na prisão) eu tinha, vamos dizer assim, *uma certa liberdade*” (apud VARELLA, 2020). O lugar de enunciação de Lolla quando ela deixa a penitenciária já não é o mesmo, ela se inscreve em uma nova formação discursiva. Não à toa Foucault (2008, p. 61) fala na dispersão:

[...] as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala.

Já no dia em que sai da prisão, Lolla carrega poucos resquícios da feminilidade que alimentava no regime fechado, seja em sua fala ou em sua aparência externa. E a reportagem explora essa transformação. A porta de ferro se abre, ela caminha trajada com roupas masculinas, e o espectador é convidado a se sensibilizar ao acompanhar o percurso da personagem. Aqui há uma espetacularização. A cena é bem produzida, com uma intenção explícita em comover o público. Após anos detida, Lolla abandona esta condição sendo, provavelmente, instruída pelos profissionais da Rede Globo a andar devagar, repetir a sequência, se posicionar desta ou daquela maneira. É possível que ela até goste de toda essa atenção, mas tal influência muda o real. Lolla é recebida pela irmã, que a chama por seu nome masculino e faz uma pergunta retórica: “Pisar aqui nunca mais, né?”. A personagem confirma e o “nunca mais” parece se estender à Lolla que lá vivia. A reação da irmã é igualmente afetada pelas câmeras. Todos sabem que irão aparecer no *Fantástico*.

O próprio cárcere se transforma em algo fantástico na reportagem, sendo romantizado. O preconceito, a prostituição e a superlotação de presídios são mencionados por Drauzio Varella e pelas entrevistadas, mas as imagens apresentam as detentas trabalhando, sendo aceitas no culto, se maquiando, lendo e ouvindo rádio em celas repletas de estrelas nas paredes. *Takes* mostram a trans de Pernambuco namorando e casando na Penitenciária de Tacaimbó. A professora de maquiagem de Lolla, Juliana Zaroni (apud VARELLA, 2020), frisa: “É uma realização trazer um pouco de sonho, de cor para um mundo

que é muito cinza, muito duro. O cárcere é um lugar de contenção de pobreza, onde ficam os indesejáveis da sociedade”. A leveza da cor, do sonho, do lúdico não permite que a dureza daquele espaço apareça visualmente. Há uma proposta de estranhamento.

Essa opção pode levar o espectador a refletir sobre as dificuldades enfrentadas por uma pessoa transexual na sociedade. O sentido da liberdade vivida apenas na prisão tem como efeito possível o choque. Ele acontece inicialmente porque há discursos anteriores que remetem ao cárcere como lugar de exclusão, onde impera a violência. Uma vez instituído o novo discurso, o espectador é estimulado à empatia pela humanização das personagens. O paradoxo da prisão interna o aproxima da dor do Outro, afinal todos temos nossas prisões. O público pode se perguntar: a trans nunca está completamente livre? Fomenta-se uma comunicação relacional e reflexiva, estimulada ainda por Varella (2020), que demonstra compreender suas interlocutoras: “Eu acho que, no fim, a cadeia faz um pouco parte da história de vida da trans. É uma pressão para que a trans seja considerada marginal”.

Discorreremos até agora mais detalhadamente sobre a formação discursiva *Liberdade*. Mas também identificamos em nosso objeto uma FD ligada ao que a reportagem aponta de negativo no cárcere: a *Solidão*. Ela é explorada por meio da narrativa de Susy de Oliveira Santos. Susy aparece em imagens de cobertura junto às placas de borracha que confecciona e sendo atendida por uma médica, pois é soropositiva. Ela nunca está em situação de maior interação, como as demais personagens. A solidão reforçada nos *takes* e por uma pergunta do médico criará o clímax da reportagem:

Drauzio: Há quanto tempo você tá sem receber *nenhuma visita* na cadeia?

Susy: Oito anos, sete anos... Bastante tempo... É isso.

(Silêncio de oito segundos. Susy vai ficando visivelmente emocionada).

Drauzio: *Solidão* né, minha filha?

Susy: Bastante, bastante

(O plano se abre. Drauzio dá um abraço em Susy).

A solidão percebida quando Susy diz que o companheiro foi transferido, é explorada também a partir da edição (sua fala é exibida logo após o médico perguntar para um grupo de trans quem tem algum relacionamento na prisão, ao que quase todas levantam as mãos) e de algumas marcas apontadas acima: 1. a menção à “nenhuma visita”; 2. o silêncio após a resposta dela; 3. a reafirmação por parte do médico de que a trans está só. A partir do abraço, ele ocupa esta lacuna. O público ficou tão impactado com a cena que durante mais de 24 horas após a exibição, o nome de Drauzio Varella figurou como o mais comentado mundialmente

no Twitter. Memes foram criados e teve início uma campanha para que Drauzio concorresse às eleições presidenciais, o que ele negou que faria por meio de um vídeo postado no seu *website*. Susy, a seu tempo, recebeu cartas na prisão. A partir da subjetividade do médico, revestido do papel de jornalista, há uma aproximação do público com ele e com a personagem. O emprego do Jornalismo Sensível é latente nessa passagem, caracterizada pelo estímulo à empatia.

Em análise feita ao portal *Brasil de Fato*, o doutor em Direito Penal pela USP Luís Carlos Valois (2020) considera, porém, que tal empatia é frágil. A mídia noticiará depois que Susy foi condenada pelo estupro e homicídio de uma criança. A descoberta gerou grande repercussão, com a solidariedade transmutando-se em ódio por parte de muitos. Diante das críticas, Varella gravou um esclarecimento, alegando desconhecer o passado da trans. Valois (2020) pondera: “[...] não adianta querer ou propagar empatia por outro ser humano se essa empatia está vinculada à doce ilusão de um ser humano só imagem, sem erros, sem história. A empatia é um investimento onde estão incluídos carne, osso, dor e decepção”.

Retomando as noções de empatia trazidas neste artigo, podemos reafirmar a fala de Valois, porém com algumas ressalvas. A primeira é que a empatia se faz presente em nosso objeto a partir da humanização das personagens. Há uma procura por exibir certo nível de complexidade, mas é impossível abarcar cada vida retratada em sua plenitude. Sempre haverá um recorte, que, neste caso, deixou de fora do conteúdo os motivos pelos quais as trans cumprem suas penas. Além disso, as descobertas sobre Susy não anulam o fato de que a narrativa conduzida por Varella fomenta empatia para com as entrevistadas, bem como passa a haver empatia para com a criança assassinada e sua família nas notícias posteriores à veiculação da reportagem no *Fantástico*. A questão que fica para nós é o quanto esse fomento à empatia pode estimular uma reflexão e consciência mais completas do Outro socialmente, para além de estímulos imediatos durante a veiculação de uma matéria. Como construir afetos perenes que ultrapassem os recortes inerentes às produções informativas, comovendo de fato o público, a ponto de ele sair do binarismo vilão x mocinho?

5 BREVE INCURSÃO NA FIGURA HÍBRIDA DE DRAUZIO VARELLA

Nas primeiras imagens da reportagem, Drauzio Varella, um senhor de 77 anos famoso no país por seu trabalho na Medicina, por seus livros e pelas aparições na mídia, conta que começou a atuar como voluntário em 1989 na Casa de Detenção do Carandiru, atendendo transexuais. Tendo por base Foucault (1979), percebemos que o saber de Drauzio lhe confere poder para abordar esse tema. Se desconsiderássemos a pós-verdade, diríamos que as trans e o espectador tem tudo para acreditar que ele vai falar a verdade por conta de sua dupla autoridade: a do profissional da saúde e a do repórter, esta última performada.

É válida uma breve consideração acerca da figura do médico-comunicador. Para isso, recorreremos ao estudo no qual Amanda Souza de Miranda (2018) investiga o programa *Bem Estar*, também da Rede Globo. A atração investe na mediação entre público e especialistas, com médicos entrando no ar ao vivo para esclarecer temáticas e responder perguntas dos telespectadores. A união entre o formato popular, o apelo ao sensível e o discurso médico-científico é identificada pela pesquisadora como um exemplo de narrativa híbrida permeada pelo saber-poder de que trata a abordagem foucaultiana. “Esta forma é uma potência: ela atrai aos seus produtos uma audiência que não se engajaria a eles se estivesse em outra roupagem” (MIRANDA, 2018, p. 243).

A forma com que Drauzio se coloca perante as entrevistadas reforça a sua posição para entoar um discurso com efeito de verdade junto a elas e, no momento da veiculação da reportagem, junto ao público. Ele é acessível às detentas, senta perto, demonstra carinho. Tudo isso é exibido. Essas escolhas não podem ser ignoradas se quisermos compreender a credibilidade construída entre Drauzio Varella e as trans numa relação de confiança e partilha que tende a cativar o espectador. Um cativar que não é ingênuo: inevitavelmente figura como aposta na ampliação da audiência, conforme frisa Miranda. Aqui se torna ainda mais claro o motivo pelo qual analisamos este objeto. Embora a reportagem seja conduzida por um médico e não por um jornalista, ele se reveste do papel de comunicador e estabelece uma interação específica com os demais atores. Seu lugar bem determinado dialoga com o Jornalismo Sensível, já que olhamos igualmente para a humanização de um médico-comunicador que se aproxima do público. Como já ressaltamos, talvez esse seja um caminho para vislumbrarmos

a retomada da crença do espectador a respeito do que observa, já que, em tempos nos quais tudo é manipulável, até o saber-poder é questionado.

Drauzio Varella (2020) relata que reuniu as detentas do Carandiru para uma aula sobre HIV. Escutou de uma delas que todas têm consciência de como se pega o vírus, mas precisam de camisinha. Com a experiência, o médico mostra que já ultrapassou um lugar comum, sabe que os problemas e conflitos daquelas pessoas são outros. Enquanto ele firma a sua credibilidade, a reportagem expõe realidades pouco disseminadas na mídia e estimula novas visões do público. Drauzio busca se descolar de um padrão social que o formataria na posição de superioridade por ser o médico, por ser o jornalista, por ter melhor condição social, por estar livre, por ser mais velho, por ser branco, por ser homem, por ser heterossexual, cisgênero... Drauzio Varella (2020) se predispõe a escutar – “Eu costumo fazer isso de tempos em tempos para falar das questões de vocês aqui, dentro da cadeia” – e mostra às trans que os dramas pelos quais elas passam lhe são familiares.

Em suas entrevistas, o médico procura conhecer o cotidiano daquelas mulheres encarceradas, trata de tabus como a sexualidade, a prostituição, o trabalho, as visitas que elas recebem. Sorri quando uma trans afirma ser mulher. Abraça quando outra atesta estar só. Destaca vidas que são mais profundas do que aquilo que o próprio tempo de exposição na TV pode revelar. Ao demonstrar empatia enquanto conduz a narrativa, o médico convida seu público a fazer o mesmo. Direciona o olhar do espectador de maneira humana para realidades normalmente ignoradas, um direcionamento que fomenta também a audiência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A corrente iluminista nos fez crer no conhecimento universal a partir da razão. A pós-verdade faz com que a razão seja negada em função de um Eu que importa mais do que o Nós. Assimilar o misto entre corpo e alma, que molda a existência, talvez seja o que falta para uma informação e troca mais completas. Para tanto, nos parece necessário ao jornalista compreender o jeito certo de afetar cada público, ser estratégico, seduzir, desmontar crenças falsas instituídas em cada imaginário, sem, por isso, ferir. É crucial explorar as pluralidades, respeitar histórias, confrontar a naturalização, desvendar métodos, transparecer rastros produtivos, fazer encantar pelo real. Questionamos aqui se o jornalismo está cumprindo as funções que lhe cabem, se alguma vez já cumpriu e quais funções seriam essas. Tais questões

se tornam ainda mais urgentes em um momento no qual esse jornalismo mais ou menos confiável passa a competir com redes de mentiras organizadas.

Em nossa análise, pudemos atestar preliminarmente um efeito útil no uso da sensibilidade para informar, ainda que seja importante verificar futuramente a recepção de materiais como esse, para o entendimento dos impactos causados pelo Jornalismo Sensível. Tivemos acesso neste artigo a um exemplo capaz de gerar reflexões em caráter nacional a partir de uma construção sensível em mais de uma etapa de produção.

Discursivamente, nos deparamos com personagens como Lolla, materializando a dispersão de que trata Foucault (2008): na prisão, ela produz enunciado diferente daquele que é produzido fora do cárcere. As complexidades que constituem o ser humano e a sociedade em que ele vive estão aparentes nesse cenário. Na formação discursiva *Liberdade* inscrevem-se sujeitos que, paradoxalmente, encontram no cárcere a oportunidade de dizerem quem são, o que, por um lado, reforça uma visão romantizada acerca das penitenciárias e, por outro, promove o estranhamento (através do interdiscurso), que pode levar a problematizações por parte do espectador. Já na formação discursiva *Solidão* a ausência é explorada. Drauzio Varella ocupa este lugar da falta, em um estímulo à empatia. Ela, no entanto, se mostrará passageira quando se descobre o crime cometido por Susy.

No que tange às imagens, é possível constatar um uso poético e estético de ângulos de filmagem, apresentação de ambientes, trilha sonora, edição e finalização. Esse tipo de trabalho colabora na transmissão de uma mensagem afetiva específica, mediada pela equipe, que entrega um produto ao espectador, um recorte do real. Porém, quando reparamos que algumas cenas, locações e até sujeitos da reportagem são dirigidos por essa equipe, o limite entre ficção e realidade é extrapolado. A produção deixa de ser um recorte para moldar abertamente o que havia de factual. Além disso, podemos observar que o “método jornalístico” não é exposto: escondem-se cabos, câmeras e rastros de seu impacto sobre a história; com isso, distancia-se do espectador aspectos que compõem a realidade. Assim, os momentos mais afetivos da reportagem não apenas tocam a quem assiste, mas promovem uma espetacularização da história. Cabe ainda indagar de que vale o método na credibilidade percebida se ele é ocultado do público. Como neste exemplo, é comum que o jornalismo nos mostre os resultados da sua produção sem revelar os processos.

Ainda que a reportagem não seja um exemplo perfeito do que é considerado como Jornalismo Sensível, ela traz elementos que integram tal definição e pode ser apontada como uma referência nesse sentido. Seu sucesso de público e os retornos gerados nos parecem um forte indício da potência do sensível na busca por uma nova relevância do jornalismo profissional diante de um cenário caótico de desinformação.

REFERÊNCIAS

BARON-COHEN, Simon. **The science of Evil: on Empathy and the origins of cruelty**. New York: Basic Books, 2011.

BROCK, Timothy; BALLOUN, Joel. Behavioral receptivity to dissonant information. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 6, n. 4, p. 413-428, set. 1967.

BRUM, Eliane. Doente de Brasil. Como resistir ao adoecimento num país (des)controlado pelo perverso da autoverdade. **El País**, [S.l.], 2 ago. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/01/opinion/1564661044_448590.html> Acesso em: 5 ago. 2019.

CHAVES, Mônica; BRAGA, Adriana. A pauta da desinformação: “fake news” e análise de categorizações de pertencimento na eleição presidencial brasileira em 2018. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 15, n. 3, p. 498-523, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The structure of foreign news. **Journal of Peace Research**, Oslo, vol. 2, n. 1, p. 64-91, 1965.

GARCIA, Rafael. 7% dos brasileiros afirmam que a Terra é plana, mostra pesquisa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 jul. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/07/7-dos-brasileiros-afirmam-que-terra-e-plana-mostra-pesquisa.shtml>> Acesso em: 16 jun. 2020.

GOULD, Luiza. **A ‘arte de sujar os sapatos’ com a pauta social: Grande reportagem e o cotidiano de indivíduos (extra)‘ordinários’**. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) – Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Distrito Federal, vol. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016.

KRZYNARIC, Roman. **O poder da empatia**. A arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

KUNCZICK, Michael. **Conceitos de jornalismo**: Norte e Sul: Manual de Comunicação. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LEMOS, Vinícius. A polêmica sobre o tratamento precoce para a Covid-19, criticado por entidades médicas. **BBC News Brasil**, São Paulo, 7 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53303287>> Acesso em: 4 jun. 2021.

LISBOA, Sílvia; BENETTI, Marcia. O jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 10-29, 2015.

MACHADO, Marcia Benetti; JACKS, Nilda. O discurso jornalístico. In: Encontro Anual da Compós, 10., 2001, Brasília. **Anais...** Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2001. p. 1-13.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. VII-XXIII.

MAFFESOLI, Michael. **Elogio da Razão Sensível** – Textos Filosóficos. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARÉS, Chico; BECKER, Clara. O (in)acreditável mundo do WhatsApp. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 17 out. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/10/17/whatsapp-lupa-usp-ufmg-imagens/>> Acesso em: 21 ago. 2020.

MARTINEZ, Mônica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 21-36, set./dez. 2017.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MIRANDA, Amanda Souza de. **Narrativas híbridas do científico e do popular no jornalismo especializado em saúde**. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MORAES, Fabiana. **O Nascimento de Jocy: transexualidade, Jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORAES, Fabiana; SILVA, Márcia Veiga da. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre, SC. **Anais...** Porto Alegre, SC: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. p. 1-21.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos – Jornalismo e Cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MORIN, Edgar. **O Método 5 – A Humanidade da Humanidade – a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ORELLANA, Jesem Douglas Yamall et al. Excesso de mortes durante a pandemia de COVID-19: subnotificação e desigualdades regionais no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, jan. 2021.

PASSOS, Paulo. Metade dos usuários do WhatsApp diz acreditar em notícias compartilhadas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 out. 2018. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/metade-acredita-em-noticias-compartilhadas-no-whatsapp.shtml>> Acesso em: 21 ago. 2020.

ROCHA, Victor. **Uma retomada do jornalismo sensível**. A apresentação de leituras plurais da realidade por um jornalismo dos afetos. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) – Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

SERELLE, Marcio. A personagem no jornalismo narrativo: empatia e ética. **Revista Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 14, n. 2, p. 44-64, maio/ago. 2020.

SNYDER, Mark; SWANN Jr., William B. Hypothesis-testing processes in social interaction. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 36, n. 11, p. 1202-1212, 1978.

SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis**. Afeto mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. A dialética da crise do jornalismo: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 55-59, maio/ago. 2018.

VALLONE, Robert; ROSS, Lee; LEPPER, Mark. The Hostile Media Phenomenon: Biased Perception and Perceptions of Media Bias in Coverage of the Beirut Massacre. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 49, n. 3, p. 577-585, 1985.

VALOIS, Luís Carlos. A frágil empatia do Fantástico show da prisão. **Jornal GGN**, [S.l.], 9 mar. 2020. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/artigos/a-fragil-empatia-do-fantastico-show-da-prisao-por-luis-carlos-valois/>> Acesso em: 28 mar. 2021.

VARELLA, Drauzio. Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência. Reportagem exibida no Fantástico. Rio de Janeiro: **Rede Globo**, 1 mar. 2020. Duração 14 min. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8364420/>> Acesso em: 4 jul. 2020.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WORD of the year 2016. UK: Oxford Languages, 2016. Disponível em: <<https://languages.oup.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>> Acesso em: 12 jun. 2020.

The Social Use of Affections: A Look at Sensitive Journalism in the Age of Disinformation

ABSTRACT

Disinformation is advancing at an alarming rate as journalism loses its old credibility. Considering the social importance of the practice, it is essential to analyze mistakes and successes in the search for renewal. This article starts from the hypothesis that exploring subjectivity is crucial for a reconnection between who produces, who consumes and who is journalistic information. Based on the concept of Sensitive Journalism (ROCHA, 2020), a reporting about transgender prisoners made by *Fantástico*, a television newsmagazine broadcast from Rede Globo, is investigated. The aim is to understand if, in this object whose narrative is led by the hybrid figure of the medical communicator, there are traces of affective

and effective communication which allows a more plural reading of real stories while involving the viewer on the other side of the screen. For this, Discourse Analysis is used, based on the contributions of Michel Foucault (2008). A useful effect of the sensitivity is verified in this example, although a broader study is necessary to understand the impacts caused by Sensitive Journalism in its recipients.

Keywords: Credibility. Disinformation. *Fake news*. Sensitive Journalism. Drauzio Varella.

El Uso Social de los Afectos: Una Mirada al Periodismo Sensible en la Época de la Desinformación

RESUMEN

La desinformación avanza a un ritmo alarmante a medida que el periodismo pierde su antigua credibilidad. Considerando la importancia social de la práctica, es fundamental analizar los errores y aciertos en la búsqueda de la renovación. Este artículo parte de la hipótesis de que explorar la subjetividad es fundamental para la reconexión entre quién produce, quién consume y quién es información periodística. Partiendo del concepto de Periodismo Sensible (ROCHA, 2020), se investiga un reportaje sobre reclusos transgénero transmitido en el programa de televisión *Fantástico*, de Rede Globo. El objetivo es ver si en este objeto, cuya narrativa está liderada por la figura híbrida del comunicador médico, hay vestigios de una comunicación afectiva y efectiva, que permite una lectura más plural de historias reales e implica al espectador del otro lado de la pantalla. Un efecto útil de la sensibilidad se verifica de este ejemplo, aunque es necesario un estudio más amplio para comprender los impactos que provoca el Periodismo Sensible en sus destinatarios.

Palabras clave: Credibilidad. Desinformación. *Fake news*. Periodismo Sensible. Drauzio Varella.

Recebido em: 18/01/2021

Aceite em: 17/05/2021